

CARTA ABERTA À COMUNIDADE DE FÍSICA

Os brinquedos do meu vizinho

Recordar a minha infância é revisitar um mundo de brincadeiras, inocência, inspiração, criatividade e, acima de tudo, brinquedos que você, caro leitor, talvez nem imagine. E antes que questione as reais intenções deste texto, deixo claro que não se trata apenas de um arroubo de nostalgia.

Os meus brinquedos não eram quaisquer brinquedos. Eles não eram comprados e nem se podia vendê-los, pois não tinham preço. Apesar de não custarem os olhos da cara, custaram os olhos mais criativos de uma criança, que no caso sou eu. Aquele pedaço de madeira atrás da casa geralmente era usado como uma brilhante espada, mas serviria muito bem como o assento para um balanço. A lata de óleo era sempre aguardada com ansiedade, por conta do seu potencial para se tornar um dos melhores brinquedos. Bastava-lhe um arame indireitado e lá estava o melhor e mais resistente carro de corrida, capaz de atravessar qualquer obstáculo sem sofrer danos. Até mesmo um prego solitário tinha o seu encanto e, num piscar de olhos, se tornava a ponta de uma flecha ou um instrumento cirúrgico capaz de operar algumas mangas verdes. Ahh... as pobres mangas verdes. E pular corda com mangueira de jardim? Não tem coisa melhor, e se estiver ressecada do sol, eita, quem vai querer errar? Honestamente falando, não me faltava nada e esse pensamento foi absoluto, até o dia em que eu conheci os brinquedos do meu vizinho: um carro a controle remoto, videogame, bonecos que podiam até mesmo falar. De repente, meu inesgotável e criativo mundo pareceu tão sem graça, repleto de invenções já nem tão geniais e interessantes.

Mesmo com todo o meu esforço criativo, as melhorias que eu fazia em meus brinquedos jamais alcançariam o resultado que os brinquedos do meu vizinho geravam em mim. Então, eu fiz o que qualquer criança sensata faz ao atingir o ápice da sua incapacidade criacional, comecei a pedir emprestado. E, quando tinha sucesso em minha empreitada, gozava de cada segundo de alegria em posse do brinquedo alheio. Mas quando chegava em casa, me dava conta de que aqueles brinquedos não me pertenciam, não faziam parte do lugar em que eu vivia.

Neste momento, quero dizer que ao chegar em minha nova casa (Laboratório de Física, campus Bacabal) me deparei com brinquedos cheios de potencial para fazer “ciência”, a exemplo: lupas, que nos permitem ver coisas muito pequenas de forma bem grande. Ah, que maravilha! Também, temos como aquecer a água usando um ebulidor. Uaaa! O

CARTA ABERTA À COMUNIDADE DE FÍSICA

cafezinho está garantido! Nós temos réguas que são importantes para fazer medições de altíssima precisão. Aquecer alguma coisa não é problema, quando se tem o fogão da cantina, que está em ótimo estado por sinal. Na falta de capelas com exaustores instalados, os experimentos com fogo são feitos no quintal de casa mesmo. Ninguém quer causar um incêndio em nossa casa. Ainda bem que a criatividade da infância não me deixou. Mas outro dia, visitando meus vizinhos, não fui poupado do privilégio de ver seus brinquedos e fiquei encantado! Para olhar para dentro de um material, por exemplo, e saber o que acontece dentro dele, eles usavam um equipamento chamado difratômetro de raios X, que possibilitava “ver” e calcular as distâncias interatômicas de um composto. Um certo brinquedo me deixou apaixonado, ele se chamava MEV (microscópio eletrônico de varredura). Com esse dispositivo era possível ver quase tudo o que quiséssemos ver. De repente, a minha lupa tornou-se miope diante do MEV. Se bem que um simples microscópio já seria de bom tamanho para meu laboratório. Mas esse brinquedo também não temos. Numa certa sala, ainda na magnífica casa do meu vizinho, haviam pelo menos 8 fornos de alta temperatura controlada. Com esse brinquedo era possível fazer quase toda a matéria prima utilizada na física experimental. Era um sonho! Eu quase já não lembrava do fogão da cantina em minha casa. Dentre todos os maravilhosos brinquedos, tem um que não poderia deixar de mencionar, o Espectrômetro Raman Dispersivo T64000, Horiba Jobin-Yvon. Com esse instrumento é possível fazer uma infinidade de brincadeiras. As possibilidades são incalculáveis! As aplicações vão desde a caracterização vibracional de materiais orgânicos e inorgânicos até diagnóstico de doenças como o câncer.

Eu voltei para a minha casa e voltei a brincar com os meus brinquedos já nem tão geniais, tão pouco interessantes

Prof. Dr. Ariel Nonato
Coordenador do Curso de Ciências Naturais Física
UFMA - Bacabal